

O POVO DE AVEIRO

FOLHA DO POVO E PARA O POVO

PREÇO DAS ASSIGNATURAS

EM AVEIRO: anno (30 n.º) 1\$000 rs.; semestre (25 n.º) 500 rs.
 FORA D'AVEIRO: anno (30 n.º) 1\$125 rs.; semestre (25 n.º) 570 rs.
 BRAZIL (moeda forte) e Africa oriental, anno... 1\$300

Publica-se aos Domingos

As assignaturas devem ser pagas adiantadas

PREÇO DAS PUBLICAÇÕES

Na secção dos annuncios: cada linha 30 rs.
 No corpo do jornal: cada linha 60 rs.
 Numero avulso 30 rs.
 Redacção e administração — rua Direita.

EXPEDIENTE

Aos nossos estimaveis assignantes rogamos o obsequio de mandarem satisfazer a importancia das suas assignaturas, o que é indispensavel para a regularidade e boa administração do nosso jornal.

E' fineza que esparamos receber e com que contamos.

A'quelles que já satisfizeram ao nosso pedido agradecemos.

AVEIRO

A REVOLUÇÃO HESPAHOLA

A revolução hespanhola mallogrou-se. Todavia foi grande a influencia que exerceu na opinião europêa, e curiosos os commentarios a que deu lugar.

A sublevação de Badajoz foi um facto isolado ou obedeceu a um bem tecido plano revolucionario? Eis o que é preciso averiguar. Em Portugal ninguem acredita que fosse isolado. Se o fosse os revolucionarios militares de Badajoz dariam provas evidentes d'uma grande loucura. Não é crível que dezenas d'officias, homens intelligentes e illustrados, praticassem a insensatez de jogar n'uma revolta local, sem probabilidades de se estender ao resto do paiz nas pacatas circunstancias do momento, as suas patentes, os seus recursos, o seu futuro, o bem estar proprio e das familias.

Ninguem arremessa assim á rua tudo o que ha de mais neces-

sario á vida. Comprehende-se que um homem endoideça de repente, mas não se comprehende que no mesmo instante endoideçam quatrocentos, quinhentos ou mil e que a doidece tenda em todos para o mesmo lado.

Por conseguinte, é incontestavel que acaba de abortar em Hespanha uma grande revolução, cujo fim era destruir a monarchia. Porque abortou não se sabe. Qualquer imprudencia ou engano deu lugar a que só se manifestasse em Badajoz. As outras povoações, vendo o plano escangalhado e temendo maiores imprudencias, retrahiram-se, esperando melhor occasião.

Não se fechou, pois, o periodo das revoluções em Hespanha, como o apregoavam orgulhosamente os monarchicos. Pelo contrario, temos razões para esperar em breve uma famosa revolta no paiz visinho. O signal d'alerta está dado; o throno dos Bourbons, tantas vezes abalado e algumas despedaçado, corre perigo eminente. Se consultarmos a historia contemporanea hespanhola veremos que todas as transformações politicas principiaram por revoltas como a de Badajoz.

A revolução avança e triumphará, porque só ella é capaz de dar o triumpho á democracia. Ha quem confie muito no poder da evolução; isto é, quem se convença de que por ella chegaremos ao fim desejado. E' um engano, que temos combatido já. A evolução é possivel onde exista a liberdade pura; mas como nas monarchias a liberdade é sempre so-

phismada, só á força armada se podem derrubar.

Em Hespanha reina um despotismo atroz. Não ha liberdade de pensar, nem de fallar. Quem não acreditar em milagres de santos vae para a cadêa; quem ridicularisar o papa vae para a cadêa; quem declarar que não gosta dos Bourbons vae para a cadêa; A isto acresce o flagello dos impostos vexatorios e a immoralidade real. A monarchia esvasia cruelmente a bolsa do povo, rouba-lhe os ultimos ceitis, ao passo que D. Affonso XII se entrega a orgias devassas. Nada se respeita.

Como ha de então deixar de se revoltar o povo hespanhol? Impossivel. E ha ingenuos em Hespanha que esperam que a democracia vença por meios pacificos e que não acreditavam em mais revoluções!...

Os monarchicos, apavorados e desnorteados, perdem-se em conjecturas absurdas. Alguns levaram a ousadia até declarar que a Republica hespanhola não faria mal algum á monarchia portugueza! Foram poucos, diga-se para honra da comunidade. A maioria não occultou que o triumpho da Republica em Hespanha seria o triumpho da Republica em Portugal.

Ora é bem possivel que a Republica se proclame em Hespanha mais depressa, do que se julgava ainda ha quinze dias. Portanto, compete ao partido republicano portuguez trabalhar activamente na sua organização. Cerremos fileiras, que se aproxima a hora de combate. Não des-

curemos um instante as nossas necessidades, que não são pequenas. Olhem que se não muda assim sem mais nem menos de regimen!

E' preciso ter tudo prompto. Esperemos com paciencia, mas com ordem, com disciplina, com a consciencia tranquilla sobre o poder das nossas forças e a coragem dos nossos soldados.

O partido republicano é numerosissimo, mas faltam-lhe bons chefes. Assim o dizia o «Diario Popular» ha dias e dizia a verdade, a mesma verdade que o «Povo de Aveiro» tem repetido tantas vezes. Mas o mal tem remedio. E' trabalhar com coragem e entusiasmo. Assim se deve fazer e assim esperamos que se faça.

P. S. Já depois d'escripto este artigo tivemos conhecimento de novos levantamentos republicanos em Hespanha.

Estão, pois, confirmadas as nossas asserções. Esperemos tranquillos os acontecimentos.

exigiria em cada mez uma quantia certa por cada metro quadrado, que fosse occupado, removendo o escandalo das estancias de madeira nos sitios mais frequentados da cidade.

Acabaria com a passeata e educação de perús, gallinhas e patos pelos lugares de transitio, o que dá um aspecto lorga de aldeia a este nosso berço natal.

Seguidamente tractaria de arranjar uma planta completa da cidade com a indicação dos melhoramentos e alinhamentos a fazer, de modo que não fosse um torpe sophisma esses cortes e avanços executados em alguns prédios modernos, a capricho do cordel ou da protecção descabellada dos senhores mestres d'obras do município.

Aqui declaro á puridade que não entendo a metaphysica d'alguns alinhamentos disparatados, que são dos meus dias, e que por ahí pollulam para esgarneo do bom senso.

Como se tracta da planta, rasgaria uma rua que cortando do largo da cadeia viesse desaguar ao Caes pelo lado do lyceu, o que se pode executar relativamente com uma insignificancia; se houvesse dinheiro alargaria a rua da Costeira á custa do prédio do fallecido Antonio José Lopes, que depois de morto parece-me que deve consentir; e se ainda tivesse meios e tempo continuaria a rua larga, que vae do chariz do Espirito Santo ao Jardim publico sem que esquecesse a outra rua que sobre o leito da do Loureiro, cortando quintaes, deveria entroncar na rua de Santo Antonio.

Illuminaria o caes com candieiros parallelos, completando assim a linha dos que existem já, levando-os até á capella de S. João no Rocio, e illuminava per certo a estrada da estação do caminho de ferro, que pelo seu transitio hem o merece.

Depois calçava o largo municipal pelo systema da Praça do Rocio de Lisboa; metia passeios em todas as ruas ou parte de ruas que os comportassem, como por exemplo parte da Rua Direita, grande parte da do Espirito Santo, Gumo de Villa, Rua do Passeio Publico, Rua das Barcas, Rua da Al-

SE EU FOSSE PRESIDENTE

CAMARA

Principiaria por metter em execução as posturas municipaes no que diz respeito á desobstrucção das ruas e praças publicas. Obrigaría os proprietarios que se aventuram a obras complicadas, a fazerem o deposito dos materiaes e dos entulhos nos quintaes e não em plena rua como succede;

suspensos que estão na miseria, e disso dão testemunho os nobres deputados do Pará.

O sr. Danin e Americo:—Sem duvida.

O sr. Ruy Barboza:—E hão de ser suspensos todos os que forem independentes.

O sr. Saldanha Marinho:—A questão não é de numero, é de direito. (Apoiados). Supponha o nobre deputado que era um; tinha tanto direito como um grande numero; supponha que não havia nenhum, cumpria-nos prever contra os abusos praticaveis. Se não podemos fazer por ora outra coisa, restabelecamos o recurso das decisões episcopaes, que infligem essa pena, sem tempo, sem limites e de discretionarios, da suspensão «ex-informata conscientia».

O nobre ministro está perfeitamente no seu direito, restabelecendo o recurso. (Apoiados).

O sr. Jeronymo Sodré:—E' bom notar que o decreto é do sr. conselheiro Nabuco.

O sr. Joaquim Nabuco:—Que abriu mão d'elle no senado.

O sr. Jeronymo Sodré:—V. Ex.ª que cita sempre, e com razão, o nome do conselheiro Nabuco, permita que lhe diga que o decreto foi d'elle.

O sr. Joaquim Nabuco:—Abrir mão d'elle, não contava com este procedimento por parte dos bispos.

O sr. Jeronymo Sodré:—Eu sou da escola historica, como o nobre deputado pelo Amazonas; por isso cito os factos.

(Ha outros apartes).

O sr. Saldanha Marinho:—O que é certo é que o decreto n.º 1911 de 28 de março de 1857, deve ser revisto, e n'essa parte alterado, para que os bispos não continuem a abusar, como até hoje o tem feito escandalosamente, d'essa attribuição perigosa, confiando na impossibilidade do recurso.

Diga-nos, pois, o governo a sua opinião a este respeito, e declare se está disposto a conservar as cousas no estado em que se acham, e sem remediar o mal contra o qual todo o clero digno reclama.

Passo ao 5.º ponto: «Qual o pensamento do governo no que concerne á grave questão de separação da Igreja e do Estado?»

Por mais de uma vez tenho n'esta tribuna tractado d'esta importante materia. Na imprensa e aqui tenho plenamente demonstrado a necessidade absoluta e indeclinavel em que está o paiz de desfazer o hybridio consorcio da Igreja e do Estado. (Apoiados).

Os ultramontanos, nas suas insidiosas pretensões, exigem plena liberdade da Igreja.

E' facil—seja ella separadas do Estado. Pela nossa parte exigimos a liberdade do Estado, e só a conseguiremos com essa separação.

Os poderes do Estado serão afinal obrigados a adoptar essa medida, se não quizerem constituir-se cegos instrumentos de Roma.

O artigo 5.º da Constituição não é constitucional, como não são os que se referem a eleição.

O sr. Frederico Rego:—E V. Ex.ª tem trabalhado para a separação da Igreja do Estado, pelo conjuncto das medidas apresentadas na camara.

O sr. Saldanha Marinho:—E V. Ex.ª sabe que com essa separação se obtera facilmente quanto desejamos e interessa á sociedade em geral.

Na situação politica do paiz, e no liberalismo que observamos, é mister ir por partes, e em vez de propor esse systema completo o que era muito mais curial, descer a propostas parciais, já que é necessario, á custa de esforços inauditos, ir cobrindo uma por uma das mil cousas de que necessitamos, e que

(6) **Folhetim**

DISCURSO

PRONUNCIADO NA CAMARA DOS SRS. DEPUTADOS DO IMPERIO DO BRAZIL

Na sessão de 16 de julho de 1880

Pelo snr.

Saldanha Marinho

Assim como de todos os actos do episcopado ha recurso, porque de uma tão perigosa attribuição dos bispos se deve fazer excepção?

Não basta já a dolorosa experiencia que temos tido? Padres virtuosos, e a todos os respetos dignos, estão privados do uso de suas ordens, e por conseguinte dos meios de subsistencia!

O sr. Felicio dos Santos:—Não trabalhar!

O sr. Saldanha Marinho:—Oh! Senhor! Não é assim que se responde a uma questão séria e grave como esta.

O sr. Felicio dos Santos:—Não conheço outra resposta.

O sr. Saldanha Marinho:—Diga me V. Ex.ª se o privarem caprichosamente dos direitos de sua profissão, sem nem sequer o ouvirem, sem que nem V. Ex.ª possa conhecer a razão, e ainda mais, se for privado de recurso contra a injustiça de que seja victima, V. Ex.ª acceptara uma tal resposta?

O sr. Felicio dos Santos:—Que direitos!

Demittido um empregado publico, o que se ha de fazer?

O sr. Saldanha Marinho:—Não ha demissão; ha no caso presente, suspensão, mas sem tempo, discretionaria, á vontade de um homem que, pelo menos, pôde errar, quando mesmo não seja covardemente despotico, como o sabem ser os nossos bispos ultramontanos, como dizer-se simplesmente: «vão trabalhar!»

O sr. Jeronymo Sodré:—Quantos clerigos ha suspensos «ex-informata conscientia»? Talvez não haja tres em todo o Imperio.

O sr. Saldanha Marinho:—Oh! senhor! Vá perguntar ao bispo do Pará quantos tem suspenso.

O sr. Ruy Barboza:—Estão presentes dois doputados do Pará; elles que o digam.

O sr. Saldanha Marinho:—Não é pequeno o numero de sacerdotes que têm sido suspensos «ex-informata conscientia», e especialmente no Pará, muitos tem sido por motivos politicos, por não se terem querido envolver em eleições em favor do partido catholico, alliado ali aos conservadores.

O sr. Santa Roza:—E' verdade.

O sr. Danin:—Apoiado.

O sr. Saldanha Marinho:—Alguns têm fallecido, desgostosos, e sem lhes serem restituídas as ordens, não obstante serem de comportamento irreprehensivel. (Apoiados).

Se o numero dos suspensos não é mais avultado é isto devido ao receio de privações de meios de subsistencia, que tem arrastado a submeterem-se aos caprichos do diocesano a quem a submissão servil agrada mais do que os estímulos de dignidade. (Apoiados).

Aos bispos ultramontanos pouco importa a pureza de costumes; o seu empenho é

o da obediencia passiva. Só assim têm elles conseguido o seu partido de suissos de Roma, a quem denominam catholicos. (Apoiados).

O sr. Jeronymo Sodré:—Mas diga V. Ex.ª quantos clerigos ha suspensos «ex-informata conscientia»?

O sr. Saldanha Marinho:—Não tenho em memoria o numero dos padres suspensos, e nem V. Ex.ª o sabe.

O sr. Jeronymo Sodré:—V. Ex.ª que interpella o governo, é que deve vir com a lista.

O sr. Saldanha Marinho:—Que me importa a lista, que me importa o numero das victimas, quando tracto de um ponto de direito e de constituir um correctivo contra o arbitrio já insupportavel dos delegados de um pontificado intransigente? (Muitos apoiados).

O sr. Frederico Rego:—Se não ha maior numero de suspensos, é porque o clero vive receioso.

O sr. Saldanha Marinho:—Citarei ao nobre deputado nomes respeitaveis, como os de Monte Carmello, a quem o Bispo do Rio de Janeiro não iguala nem em sciencia, nem em virtudes, nem em religião; de Eutychie, robusta intelligencia, honrado a toda a prova, que bem sabe cumprir os seus deveres sacerdotaes, e a quem o bispo do Pará fulminou com a suspensão somente por despeitos pessoas e motivos politicos.

O sr. Danin e Americo:—Apoiado, Um sr. deputado:—O Deão Faria.

O sr. Jeronymo Sodré:—Não ha grande numero de suspensos «ex-informata conscientia»; argumentem com seriedade. (Cruzam-se muitos apartes e o sr. presidente reclama attenção).

O sr. Saldanha Marinho:—Que mais seriedade quer V. Ex.ª?

O sr. Jeronymo Sodré dá um aparte. O sr. Saldanha Marinho:—Ha padres

O foco insalubre do cemiterio de S. Lourenço é muito peor, muito mais funesto, do que o foco phylloxerico, ultimamente descoberto em Antes, freguesia de Ventosa. O que faz o sr. governador civil que não ordena uma inspecção sanitaria aquelle cemiterio? Quer-nos parecer que este districto está condemnado fatalmente a morrer, para o que se esmeram a mais não poder ser todas as auctoridades, desde o governador civil até ao simples regedor de parochia.

Na Bairrada só vemos que certos magnates trabalham de vontade quando se trata de eleger o deputado vitalicio que actualmente está a ares em Anadia, occupado, segundo dizem os papéis progressistas, em elaborar os projectos da reorganisação do ministerio da marinha e reforma colonial. E um excellento pretexto para o illustre deputado vitalicio pelo circulo de Anadia, chamar a capitulação exercito de padres para não o desembarcarem nas proximas eleições! Que seja feliz e lhe corram sempre propicias os ares bairradenses. Mas cidadão! isto de deputados vitalicios é um pouco precario...

Phylloxera, mais phylloxera! O ultimo foco descoberto, como acima referimos, é na povoação denominada «Antes» a 2 kilometros da Mealhada e pertencente á freguesia de Ventosa.

E' um foco pequeno, e o proprietario da vinha atacada, o sr. Abilio Ruivo de Figueiredo, residente em Sepins, vae tratar a mancha pelo sulfureto de carbone.

Da parte dos vicultores da Bairrada tudo é socego e paz de espirito. Nada de se associarem, nada de se reunirem. Confiam tudo da providencia e talvez do seu deputado vitalicio que, quando se chegar á epoca de eleições, é possível que lhes prometta a salvagação das vinhas... e das batatas.

CARTAS

Lisboa 10 de agosto.

A revolução hespanhola desperta a curiosidade de toda a gente.

Ao passo produzido pela revolta singular de Badajoz, succedeu a convicção profunda n'um vasto plano revolucionario que se começa a desenvolver em toda a Hespanha ameaçando devorar a monarchia. Os leitores já deverão saber no momento de lerem estas linhas mais do que eu sei na hora presente. Levantaram-se sete provincias a proclamar a Republica; uma grande parte, creio que a maioria, do exercito hespanhol sublevou-se, os famosos revolucionarios Zorrilla e Salmeron pairam na fronteira: as forças monarchicas concentram-se em Madrid, receiosas de tudo e de todos. Eis o que por enquanto se sabe positivamente. Esperam-se com ansiedade novas noticias, que nos tragam mais largas informações.

Entre tanto não ha duvidas sobre o grande perigo, que corre a raça damnada dos Bourbons. De balde a Agencia Havas, bem conhecida pelo seu grande conservantismo e demais a mais sujeita á fiscalisação do governo d'alem da fronteira, pretende alterar os factos.

Dizia-nos hontem que se haviam apresentado 80 homens de cavallaria ás autoridades realistas e que varios bandos armados fugiam para as montanhas, perseguidos. Que grande proeza! Mas o que são 80 homens no meio de milhares d'elles, que se sublevavam? Não nos indica a revolta de Badajoz, promovida pela guarnição inteira d'aquella cidade, que é vastissimo o movimento republicano e que deve contar com numerosissimas adhesões no exercito?

E a propria Agencia Havas nos demonstra a gravidade do negocio, dizendo-nos que o governo de Sagasta declarou a Hespanha em estado de sitio e que suspendeu as garantias. Ora tanto uma como outra d'estas medidas só se tomam em casos extraordinarios.

Desenganemo-nos. A Republica poderá não vencer ainda d'esta vez, mas o seu triumpho é certo n'um prazo curtissimo. Todos os jornaes monar-

chicos de Lisboa o confessam e todos elles concordam em que os *pronunciamentos* hespanhoes soffocados são sempre indício d'outras *pronunciamentos* mais fortes, que reventam logo a seguir.

Os monarchicos portuguezes é que levaram uma bofetada tremenda. Fartavam-se de apregoar as excellencias do governo de Affonso XII, dando pomposa e ineptamente por morto o partido republicano de Hespanha, e de subito reventa-lhe pela frente uma revolução poderosa que colloca o throno boubonico em perigo, provando ao mesmo tempo a força extraordinaria d'aquelle partido. Soberbo! Palavra de honra que gostei!

A Republica, para elles, está a morrer em França ha treze annos, é nula em Portugal, ridicula em Hespanha, insignificante na Italia. Todavia a França lá marcha de vento em pompa com as suas instituições, rica, prospera, opulenta e forte; na Italia, repetem-se dia a dia as manifestações republicanas e a democracia conta cada eleição supplementar de deputados por um triumpho; em Portugal espallam-se os nossos jornaes e centros politicos; na Hespanha succede o que se está vendo.

Fortes parlapatões! O seculo XIX está decididamente destinado a presenciar a victoria completa da democracia.

—Explica-se assim o aborto revolucionario de Badajoz:

A revolução estava de facto preparada para o dia, em que surgiu o grito liberal na cidade extremeña. Porem, por qualquer circumstancia extraordinaria ainda desconhecida, ficou addiada. A junta revolucionaria previniu todas as praças, mas, por uma infelicidade lamentavel, não pôde chegar o aviso a Badajoz. Então a guarnição d'esta cidade, ignorando o que se passava, sublevou-se. Surprehendida, porem, pelo silencio da parte restante do exercito, julgando tudo perdido e sabendo que marchavam tropas sobre ella perdeu a força moral e retirou por julgar inutil a resistencia.

Foi um desastre importante, confessemo-lo. Se tem resistido dentro da praça, andava esplendidamente porque podia ter lutado durante alguns dias com a retirada coberta e entretanto via o que se passava. Comtudo não a podemos censurar. Todos fariam em circumstancias identicas o que fizeram os bravos militares hespanhoes.

—Como se sabe, o general Blanco marchava á frente d'uns poucos de mil homens sobre Badajoz. De repente, suspendeu a marcha no caminho. Toda a gente ficou espantada com isso. Não era razão sufficiente para a conducta do general Blanco o haver retirado para Portugal ás tropas sublevadas, porque Badajoz ficava assim completamente desguarnecida e parecia natural aos mais leigos no assumpto que o general Blanco a occupasse, tanto para se impôr á população republicana da cidade e do paiz, como para a deixar guarnecida.

Agora corre com insistencia que o general não avançou para deante, porque as forças que commandava se recusaram terminantemente a acompanhá-lo. Affirma-se que chegou esta noticia aos emigrados e eu sei que um official superior do exercito hespanhol no goso de licença em Lisboa disse hontem a um amigo meu, que tinha todas as razões para a acreditar. Se é verdade, é bem certo ter a monarchia os seus dias contados.

—Tive já o prazer d'examinar os officiaes emigrados. São uns bellos typos em geral, muito sympathicos e apresentando-se bem. Passeiam livremente pelas ruas, respeitados e estimados pela população. Segue-os um exercito de garotos, alabidos pela curiosidade, que a policia deveria dispersar, porque são importunos deveras.

O governo portuguez, instigado por certo pelo seu collega hespanhol, intimou-os covardemente a irem para Cabo Verde ou Açores. Queria-os por essa forma isolar, mas os officiaes que perceberam o calculo declararam que n'esse caso retirariam para França.

O governo andou pessimamente e oxalá que reconsidere. Não esperámos, porque conhecemos de sobejo a velhacaria de tal gente.

—Os republicanos encobertos estão por aqui surgindo aos centos. Como os prendiam as conveniências andavam muito caladinhos; agora que veem o negocio serio começam a deitar os bracinhos de fora.

Ai pobre monarchia. Bem pode arranjar as malas.

—Se chegarem a Lisboa noticias importantes avisarei pelo telegrapho.

—A revolução faz esquecer o choler. Aqui tomam-se as necessarias precauções hygienicas. O estado da saúde publica é satisfactorio. A epidemia decresce muito no Egypto.

SUBSCRIÇÃO

PARA O MONUMENTO DE JOSÉ ESTEVÃO

Transporte.....	726:530
Augusto Soares Aranha..	22:500
Manuel José Mendes Leite	27:000
Dr. Antonio Rôiz Soares.	4:000
Daniel Tavares Nogueira.	4:000
Luiz Joaquim Maria....	4:000
José Maria Barbosa de Magalhães.....	4:500
José Maria d'Oliveira (Capitão do Porto)...	500
Antonio Luiz de Sousa.	2:250
José Eduardo d'Almeida Vilhena.....	4:500
Thomé Pereira Vaiga..	500
José do Valle Guimarães	4:500
Francisco Regalla....	18:000
Somma.....	813:5780

E' necessario que a mesa da Santa Casa da Misericordia não faça tolice. Que se deixe de reclames nos jornaes e faça boa administração.

No domingo passado resolveu metter mais um medico no hospital. Para quê? Pois então o medico actual não pode curar uma duzia de pessoas, que tantas são, pouco mais ou menos as que estão no hospital? Ou é algum afilhado que querem porteger?

Fazem economias por um lado, para augmentar as despesas pelo outro. E' sempre assim.

A mesa parece que trata tambem de mudar o hospital para o edificio do convento de Jesus. O sr. Gustavo Pinto Basto declarou na ultima sessão que fallara a tal respeito com o bispo, isto é, que o consultara, ou coisa que o valha, sobre a cedencia do convento.

Mas que diabo tem o bispo com o convento? Então aquillo é d'elle ou do Estado? Se o sr. Pinto Basto reconhece que o jesuitismo é a entidade mais poderosa deste paiz, que pode dispôr á vontade do que é nosso, ao menos não o dê a entender em publico. Esses *maus exemplos* são condemnaveis.

A camara municipal, a corporação mais desleixada que ahí nos tem apparecido, continua a consentir que se tirem os estrumes de dia!

Muitas pessoas d'esta cidade, se tem queixado do abuso de se estar carregando estrume ás 8 e 9 horas da noite. Ainda no dia 9 do corrente, pelas 9 horas da noite, presenciamos o mesmo espectáculo. Isto é indigno e não pode continuar.

O sr. Manuel Firmino, o homem do *edital dos preceitos hygienicos*, perdeu a vergonha, e quem não tem vergonha não pode continuar a presidir a uma corporação, onde deve haver seriedade e respeito para com os municipios, que reclamam a execução doCodigo das Posturas Municipaes.

Vereação, como a que actualmente para ahí existe, merece ser corrida, porque despresca e espesinha as reclamações da opinião publica.

Razão de sobra tinhamos nós para censurar, n'um dos ultimos numeros, os membros da Associação Aveirense de Socorros Mutuos pelo desprezo completo a que votaram os seus interesses.

A direcção eleita pelos 16 socios já está fazendo das suas. Ha dias um dos membros d'essa direcção apresentou uma proposta sobre a redução de certas e determinadas despesas.

Pois sabem como a carneirada mansa dirigente do Monte pio acolheu a proposta? Podiam os leitores estar cem dias a matutar sobre o caso, que não eram capazes de adivinhar. Declarou

que não reduzia despesas nenhuma porque não estava para se *indispôr com ninguém*.

Parece incrível que haja quem tenha a ousadia de dar tal resposta. Se aquelles illustres personagens não estão para se *indispôr com ninguém*, se querem proclamar o regimen do patronato e do favor recolham-se á vida privada e façam isso no governo da sua casa. No governo da casa alheia não se admite tal. Ahí não ha *indisposições*, porque não ha conhecidos nem amigos. Acima de tudo está a justiça, a economia e a moralidade.

A resposta da direcção tem a gravidade necessaria para a assembléa geral, n'uma das suas proximas reuniões, lhe votar uma moção de censura e verberá-la com energia. Não fizessem nada, mas dessem ao menos uma resposta decente. N'esse dia o sr. presidente da direcção até chegou a declarar, antes de se principiar a discutir a proposta, que votava contra ella!

Vogaes e presidente estão uns para os outros.

Albarda, albarda, o povo quer albarda.

Effectuou-se no dia 8 do corrente, n'uma das salas do governo civil d'este districto e sob a presidencia do sr. governador civil, a primeira inspecção militar do corrente mez. Compareceram 19 mancebos, sendo apurados 12, isentos 6 e ficando em observação 1.

Os apurados foram entregues ao sr. governador militar, ficando addidos ao destacamento de infantaria n.º 9 aqui estacionado, afim de esperarem destino para os diferentes corpos do exercito.

No domingo passado, presenciamos um espectáculo repugnante no largo da Cadéa.

Um homem, que houvera sido ferido algures com uma facada, esperava n'um carro, coberto com um guarda-sol que chegassem as autoridades e o medico para se lhe proceder a exame. Entretanto a multidão perseguia-o com uma curiosidade importuna, mas explicavel e mesmo admissivel até certo ponto.

Mais tarde sahiu do carro e encostou-se a uma arvore, cansado de esperar as autoridades. Ora o *espectaculo* não nos pareceu nada *moralisador* nem *divertido*. Seria, pois, conveniente que a autoridade competente mandasse recolher os individuos feridos n'aquellas circumstancias em qualquer casa apropriada, que poderia ser escullida no hospital. Se quem deve fazer o exame não pode sempre estar á espera do primeiro ferido que apparece, recolham-no ao menos em sitio decente e não o deixem abandonado em qualquer canto.

Viva a Republica!

O nosso governo vai pondo as barbas de molho!

Consta-nos já mandou policiaes os centros republicanos da capital, Porto e não sabemos se de todo o paiz.

Quem será o coveiro da monarchia?

A camara municipal teima, descaradamente, em não mandar macadamisar a ponte da Praça do Commercio.

Provavelmente esta desmazelada corporação, espera que haja a lamentar alguma desgraça, para depois proceder aos necessarios concertos. E não admira que assim aconteça! A camara é inepta e onde governam ineptos é tudo *uma desgraça*.

E depois como perderam a vergonha, já não tem considerações pelo bem estar dos seus municipios, nem pelas justas reclamações que se lhe fazem.

O cura d'Arbin accusado de attentados ao pudor em onze meninas da sua parochia que elle preparava e instrua para a primeira communhão! foi absolvido pelo tribunal correccional pela razão de que quando praticou isso não estava no uso das suas facultades

mentaes; todavia o ministerio publico aggravou e comparecerá no tribunal de Cambery para ahí ser novamente julgado.

—O sr. Suan, conhecido por frei Roux-Marial, acaba de ser condemnado a 180 rs. (1 fr.) de multa, por ter batido nos joelhos do pequeno Roguet, alumno seu.

—O abbade Thienrot foi reconhecido culpado por se aproveitar do pulpito e censurar os actos do governo. Foi condemnado pela policia correccional de Lens a 16 francos de multa e custas.

Foram tidas em conta circumstancias attenuantes.

—O sr. conde de Cassagne, clerical insigne, será chamado em breve ao tribunal de Montpellier por attentados ao pudor commettidos n'uma creanga de onze annos.

Lê-se na *Lucta*:

«No instituto das irmãs da caridade, estabelecido na casa e quinta denominada—Guelas de Pau—ao Bomfim, falleceu hontem uma recolhida, uma creanga de 20 annos. Segundo é voz publica na freguesia, a infeliz victima do fanatismo morreu de parto!
E viva a santa religião!»

Os officiaes hespanhoes que se revoltaram em Badajoz e que emigraram para o nosso paiz, affiançam que a sua cauza ha de vingar muito breve, e que por ter agora abortado a revolução, não desanimam, pois tem a certeza de serem secundados.

Recebemos e agradecemos as seguintes publicações:

O Ze Espremido—E' um interessantissimo almanach de propaganda democratica, collaborado por alguns escriptores de reconhecido merito litterario.

Eis o summario dos artigos:

1.ª parte: Calendario—Tabellas.—
2.ª parte: Juizo do anno—O mercado constitucional—O macaco das instituições (parodia)—O Jesuita—A' pesca da popularidade (poesia)—O Bandarra da trapeira—Historia de uma favorita real—O joven Lylio (poesia)—A semana do operario—Porque choras? (versos para recitar ao piano)—A modinha do Marianno (parodia)—A minha paixão (poesia)—A' roda da politica, coplas de de *Politica* no 4.º acto, musica da mazurka do 1.º acto da *Noite e o dia*—Pensamentos—Anedotas etc. etc.

Remette-se para as provincias e ilhas, franco de porte, a quem enviar a sua importancia em estampilhas ou vales do correio a C. Ribeiro, rua do Carvalho, 56 2.º Lisboa.—Preço 60 reis.

—*Guia do escripto de fazenda no processo de execução administrativa*, por João Augusto de Mattos S. de Beja, aspirante de 2.ª classe da repartição de fazenda do districto d'Aveiro.

Este folheto é dividido em tres partes: Na primeira, apresenta um processo completo de execução administrativa com indicação do emolumento e sello correspondentes a cada folha ou acto do processo; na segunda, diversos modelos que se empregam no processo d'execução administrativa; e na terceira, a tabella dos emolumentos e salarios que devem contar-se nos processos administrativos.

Um frade d'um collegio de philipinos de Valladolid matou um collega seu.

Este valente foi condemnado a doze annos de presidio e 2:000 pasetas de multa.

Pobre juiz! O inferno o espera.

Pervençaõ

Constando-me que um individuo do Porto se tem dirigido a algumas casas para onde eu forneço vinhos finos, exhibindo mostras que diz serem dos mesmos meus vinhos e offerecendo-os por outros preços, *declaro* que só as ditas casas os podem obter *continuando* a tractar *directamente* commigo.

Julio V. d'AlmeidaBasto.

fandega, Rua l o Caes, Praça do Comercio, Praça da Fructa; Rua de José Estevão, e Rua de Sá, e finalmente cuidaria d'uma arborisação regular e methodica, banindo as faias e os platanos de junto dos quintaes porque são uns visinhos incommodos que, deitam raisada longiqua com ares que-silentos e de perfeita embirra.

Como tour de force havia de ajardinar o largo do Terreiro em frente do palacete incendiado do nobre Visconde de Almeida.

Para fazer tanta coisa aonde está o dinheiro perguntarão?

Essa é muito boa! e quem lhes disse que eu fazia tudo d'um jacto como se fundio a estatua de D. José para ornar o Terreiro do Paço?

Havia de ir a pouco e pouco, jurando isso pelas tripas de Jupiter, pelos ossos de Mercurio, pondo a mão sobre a bigorna de Vulcano.

Aquillo que acima escrevi é um programma, é um desideratum, não passa d'isso, é claro. Orlar de passeios a rua do Caes e a da Alfandega custaria dois ou três contos, pois bem, principiava por ahi.

Dois ou quatro candieiros mais que tanta commodidade proporcionam nem se podem metter na linha dos sacrificios camararios e todavia embelleçam ás vezes, e outras tão indispensaveis.

A arborisação nada custa; a camara pôde manter viveiros, e fazer a plantação com os empregados que já tem.

Ha poucos annos tinham condemnado os alamos da estrada de Arada, se não fosse eu e meu primo Carlos Faria acudir-lhe, estavam a estas horas em terra.

Aquellas arvores são o unico relevo da paisagem e não obstante iraviam sido condemnadas.

Se as campinas de Aveiro não tivessem casas, arvores, e cultura, a a vista que produziriam é exactamente a d'um areal desagrado. Nos montes não succede assim como se sabe. O seu agrupamento, os seus toques inopinados tem o encanto em si proprios.

Isto é intuitivo.

Só em Aveiro o não é. Estamos em paiz de barbaros, onde cada um se arroga o privilegio e decretar as-neiras.

Estar cansado de as ver, não de me dar licença de fallar, para que não caia no perigo de explodir.

Mas donde hade vir o dinheiro? Qual dinheiro, nem qual cabaça? Que tem a policia da cidade com o dinheiro!

Um dia monto a cavallo e atropello quantos patos e gallinhas encontrar pela rua. Eu estou no meu direito de os esmagar e os donos não poderão embarçar-me que eu metta o cavallo a trote, porque as posturas prohibem-lhe expressamente que se faça capoeira dos sitios do transitto publico.

Mas que é do dinheiro para tantos commettimentos?

Vocês a darem-lhe, e a burra a fugir. Qual dinheiro? Qual historia? Qual diabo?

Tambem seria necessario dinheiro para ordenar que as carregações de estrume se façam depois de uma hora da noite?

O que eu desejava do intimo d'alma é que os vereadores da camara tomassem a pitada, que eu agarrei no dia nove do corrente, pelas nove horas da noite. Era um cheiro, não direi impossivel, porque por ser possivel é que eu o senti, mas era um cheiro insupportavel.

Os narizes da gente não foram educados nas sentinas, e parece que é bom condensar com os lavradores mas não tanto.

A paciencia, diz-se na Fabia, que não é de pederneira.

Agora é tempo de fechar o artigo, e de comprar um frasco de opoponax para desinfecar estas mal alinhavadas linhas.

Mello Freitas.

EXCERPTOS

« A utilidade da religião não se pode justificar pela necessidade da educação popular.

Poderá justificar-se pela conveniencia de socorrer os pobres?

E' a pobreza um bem ou um mal? A pobreza é a carencia de meios de vida: a carencia de meios de vida é incontestavelmente um mal.

Ora a religião considera a pobreza uma virtude, sem a qual não se pode conseguir o supremo bem — a salvação eterna: a religião tende portanto a propagar um mal. Com effeito é nas sociedades christãs, onde a chaga da pobreza tem maiores dimensões. Este mal terrivel é devido não só a religião consider-a meio para o bem, mas tambem a certos principios estabelecidos como norma da vida do homem. Esses principios esterilizadores acham-se compendiados no Padre-nosso que é a synthese do espirito do christianismo.

O Padre-nosso é uma das primeiras cousas que nossos paes nos ensinam, que nos fazem repetir pela manhã, ao meio-dia e á noite, e que nos recommendam com instancia, como se encerrasse a ventura de toda a nossa vida.

Elogiam tanto o Padre-nosso, que até dizem ser uma prova brilhante da divindade de quem o fez.

O que nos ensina a religião no Padre-nosso.

Ensina-nos que devemos gastar o tempo em orar a um ente que está nos ceos; «Padre nosso que es-

tás nos ceos santificado seja o teu nome.»

Ensina-nos que devemos esperar o bem no reino dos ceos; «Venha a nós o teu reino.»

Ensina-nos que devemos abdicar a razão e a liberdade e esperar tudo de Deus: «Seja feita a tua vontade assim na terra, como nos ceos.»

Ensina-nos que devemos ser imprevidentes: que não devemos trabalhar hoje para comer amanhã: que não devemos ajuntar cabaças, nem pensar nas difficuldades dos dias da velhice; «O pão nosso de cada dia nos dá hoje.»

Ensina-nos que a nossa imperfeição é resultado d'um peccado: que devemos supportar todas as affrontas e todas as usurpações e renunciar a reivindicções dos nossos direitos; «Perdoa-nos as nossas dividas, assim como nós perdoamos aos nossos devedores.»

Ensina-nos enfim que não temos forças para evitar o mal: «Não nos deixes cair em tentação, e livra-nos de todo o mal.»

O que é pois que nos ensina e nos manda a religião?

Que sejamos ociosos, que desprezemos a vida, que sejamos ignorantes, que não tenhamos bens de fortuna, que sejamos escravos e automatados, que não destruamos o mal e não nos cremos o bem: manda-nos, n'uma palavra, a miseria extrema e absoluta!

Se não houvesse religião e sacerdotes, dizem os padres, quem havia de dar uma esmola aos enfermos pobres dos campos e das aldeias?

Estes venerandos sujeitos fazem-nos lembrar um algoz que, depois de haver exercuciado as suas victimas á sede ardente, lhes deitava na lingua uma pinga d'agua e exclamava com um ar de compunção e de escarneo: «vejam! se não houvesse torturas e algozes, quem lhes havia de dar uma pinga d'agua?!

E' realmente irrisorio que sendo a religião a causa mais energica da chaga do pauperismo, tenha pretensões a existir com o fim de cural-a!

E que meios apresenta a religião para curar o pauperismo? Dois — a Providencia e a caridade.

A Providencia? Se o homem não semeia e não recolhe, se não trabalha, a Providencia faz favor de o deixar morrer de fome.

A caridade é uma virtude moral que o individuo pode praticar, ou não, sem responsabilidade perante a sociedade.

Uma pobre tem fome e tem sede; um rico muita agua e muito comer. O pobre pede pela caridade; o rico não dá, porque não quer e ninguém o obriga. O pobre morre, maldizendo o mundo; e o rico vai gozando até que fallece no regaço dos prazeres, e entra nos ceos mediante uns dinheiros que deixou aos padres para lhe cantarem missas e officios.

O' pobres, ó desgraçados! vos sois

os entes da minha adoração, porque sois espoliados e illudidos! Vós tendes o direito de ser esclarecidos e sustentados, e o dever de trabalhar. Um grande e imperioso dever tem todos os outros homens: é não roubar o que vos pertence. Um grande direito vos assiste: é reivindicar o que é vosso! Vós tendes razão para pensar, braços para trabalhar, força para vos defender: pensae, produzid, defendei-vos! Vós tendes vida para gozar: gozai a vida: correi os vossos destinos!

A utilidade da religião não se pode justificar-se pelo pauperismo?

Poderá justificar-se pela salvação eterna?

A salvação eterna funda-se na existencia d'outro mundo, para o qual o homem é transferido depois da morte.

Existe esse outro mundo? Aonde? Onde está o ceo destinado aos justos, e o inferno creado para os malditos?

Quem transporta para lá o homem? E' uma força incognita superior ás forças naturaes diferentes d'ellas? Quaes são os factos irrefutaveis, por que se prova a existencia d'essa força? São as forças naturaes? Como? se ellas não se estendem alem dos limites proprios?

Como pode ser o homem transportado para o outro mundo, se o corpo humano se transforma em gazes, em vegetaes, em mineraes que vão formar e alimentar outros homens?

Para dar pela resurreição a uns a sua feição individual, é fatalmente necessario aniquillar outros, e com elles a immortalidade da grande maioria da humanidade; e basta só que um homem seja aniquilado para que o ceo e o inferno seja impossivel!

E' somente a alma humana que é transportada, para outro mundo? Se é unicamente ella, a immortalidade do homem, o homem mesmo está truncado.

Mas a alma, o intellecto, é um ser distincto e independente do corpo? Se o é, porque se não manifesta em todas as phases da nossa vida com a mesma actividade? porque cresce com o desenvolvimento da materia e abate com a decadencia d'ella? porque não concebe senão as impressões transmitidas pelos orgãos?

O ceo! esse firmamento architectado pela religião cahiu, ou antes esvaecio-se irrisoriamente deante do telescopio!

E o inferno! Ha nada mais absurdo, do que o inferno? As mais elementares noções de justiça, a consciencia mesma nos ensinam que os castigos devem ser proporcionados aos crimes: como pode portanto o homem, ente incapaz de acções infinitas, e crimes eternos ser castigado com eternas penas, quaes as do inferno? O inferno é consequentemente uma criação barbara e phantastica, com que os sacerdotes têm reprimido e espoliado o povo. Quantas offertas, quantas doações e quantas riquezas o terror do inferno tem despo-

tado nas mãos dos padres de todas as religiões?!

Emfim deixemos passar intactas as ficções religiosas, não obstante destruidas pelos factos da sciencia; vejamos porem o desfecho d'ellas.

A religião christã diz que não ha salvação senão para os que a abraçam; mas a religião christã é professada somente por uma diminuta parte da humanidade: logo apenas uma diminuta parte da humanidade se salva.

Essa diminuta porção da humanidade não se salva ainda toda, não; a religião christã tem-se dividido e subdivido em tantas seitas intolerantes e incompativeis, que a existir em alguma d'ellas a verdade, só um insignificante punhado de homens conseguiria salvar se!

Sendo a religião não só inutil, se não prejudicial, como temossalmente demonstrado, é injustificavel a existencia d'uma classe que a ministra e representa.

O clero, agriilhoado ao arbitrio do regio poder, como está entre nós, é um instrumento do despotismo.

O christianismo foi creado para dissolver o imperio romano; dissolveo: terminou a sua missão: morreu com elle.

A egreja, obrigada a reconstruir a sociedade europea, foi a propria que subverteo os principios christãos e vibrou no christianismo o golpe mortal.

A reconstrução, feita pela egreja, está desmoronada por todos os lados: a egreja terminou a sua missão: a egreja — o clero — tem fatalmente de desaparecer: as agonias em que ella se debate, lutando contra todas as invenções da sciencia, contra as massas industriaes, contra os sabios e contra tudo, são os arrancos da morte.»

BAIRRADA

Não ha auctoridades no concelho d'Anadia, tudo corre á discricão; o administrador é uma entidade que não apparece, que ninguém vê, um octogenario fóra do seu tempo em toda a acepção da palavra. Estamos ameaçados do colera e nenhuma providencia sanitarias se tomam n'esta localidade. Nas aldeias continua a ser estranho todo o principio de hygiene. As casas accusam uma immundicie enorme, os pobres aldeaes, avessos a toda a ideia de limpeza, ignoram que lhes está eminentemente uma grande desgraça. O que fazem as camaras? Nada, absolutamente nada. A de Anadia nem ao menos ordenou aos medicos do partido municipal que fizessem uma inspecção sanitaria ás povoações mais insalubres. Isso sim! A mui insigne camara hade acordar quando o mal já não tiver remedio.

entretanto podiam ser comprehendidas em uma lei, e muito simples.

No que concerne a separação da Igreja do Estado, e pelo que, mesmo n'esta casa, têm manifestado os ultramontanos, a medida é geralmente accete, o que muito me tem maravilhado em sectarios do «syllabus», que, em absoluto, condemna e anathematiza essa aspiração.

O sr. Monte:—Não condemna.

O sr. Saldanha Marinho e outros srs. deputados:—Condemna.

O sr. Monte:—O «Syllabus» não condemna isso.

O sr. Saldanha Marinho:—O «Syllabus» condemna aquelle que dissér que a Igreja pôde ser separada do Estado.

O sr. Monte:—Não está lá isso.

O sr. Saldanha Marinho:—Tenha paciencia, o nobre deputado está excommungado.

O sr. Monte:—Convido o nobre deputado a ler o «syllabus».

O sr. Saldanha Marinho:—Eu o satisfico.

O «syllabus», no art. 55.º é explicito. Entre os casos que, na forma do Breve «Quanta cura», são «proscriptos, reprovados e condemnados», entre os anathemas fulminados por esse parto estupendo do pontificado, se acha o d'aquelles que «dissereem que a Igreja deve ser separada do Estado, e o Estado da Igreja» (textual).

O sr. Jeronymo Sodré:—Eu declaro que voto contra a separação da Igreja do Estado; sou consequente em todas as doutrinas.

(Cruzam-se outros apartes).

O sr. Presidente:—Attenção!

O sr. Saldanha Marinho:—Não tenho, portanto, de demorar-me n'este ponto; a separação da Igreja do Estado está no animo de todos (Apoiados); menos o nobre deputado pela Bahia, que é consequente.

Resta-me pedir ao nobre ministro que nos declare o pensamento do governo n'esta materia.

Sendo o actual gabinete liberal, não pôde deixar de accetar como suas estas palavras do grande Castellar:

«Decretar a liberdade de pensamento, a liberdade de associação, a liberdade de renunção, os direitos individuaes, e ao mesmo tempo consentir e manter como do Estado uma Igreja, que, com o poder que lhe emprestam, proclama a liberdade como heresia, o direito de renunção como uma blasphemia, es direitos individuaes como uma aberração, e que tudo isso é protestantismo, jansenismo, pantheismo! — é inadmissivel!

«O estado que em tal consente, é um estado suicida.»

No começo da sessão do anno passado formulei um projecto no sentido d'essa reclamação de separação, e offereci-o á consideração da camara. As nobres commissões a quem foi elle remetido, não se dignaram ainda, e sem duvida por influencia do governo, dar seu parecer. A minha responsabilidade ficou salva.

N'estas circumstancias, e devendo o paiz conhecer o que deve esperar em objecto tão momentoso, cumpre ao governo declarar franca e lealmente como pensa, e o que delibera a esse respeito.

Passo ao 6.º ponto:

«Tem o governo promovido no senado o andamento e approvação da proposição d'esta camara sobre o registro civil?»

A demora que tem tido no senado a proposição d'esta camara, relativa a esse objecto, é digna de sério reparo.

Não temos propriamente registro civil.

O que ora ainda está a cargo dos parochos é imperfeito e defeituoso, e não satisfaz as exigencias d'essa necessidade publica. Do registro civil dependem os mais importantes interesses da familia, e é mister satisfazer tão reclamada exigencia do paiz.

O registro civil já se acha auctorizado por lei do Estado. O regulamento formulado pelo

Executivo para a execução d'essa lei, foi ha muitos annos expedido. Para os devidos effeitos era mister approvação na parte penal, e só isso era reservado ao poder legislativo.

Para isso offereci projecto, o qual depois de injustificavel delonga, foi approvado por esta camara e remetido ao senado.

Ha mais de um anno que isso se fez, e nada mais se ha feito até agora n'essa outra casa do parlamento.

Corre que o sr. presidente do senado é infenso a este projecto, e que por isso não tem dado andamento alli.

Não o creio, porquanto tenho no mais alto conceito o nobre cavalheiro que preside o senado.

Irogaria grave offensa a esse distincto cidadão, se de leve suspeitasse que elle antepunha interesses particulares, á satisfação de uma necessidade publica, tão reclamada como esta.

Eu sei que a muitos, especialmente a fazendeiros, senhores, senhores de grande numero de escravos, o registro civil de algum modo incommoda; mas cumpre-lhes fazer esse pequeno sacrificio, quando se tracta do interesse geral.

O registro civil é imprescindivel aos trabalhos estatísticos, á propria policia, e sobre tudo, á prova indispensavel e certa dos casamentos, nascimentos, e obitos, cousas de que depende grandemente a estabilidade, a paz e a segurança da familia.

O governo concordará commigo em que sempre lhe é facil obter do senado uma medida quando por ella se interesse; mais difficil do que isto é fazer-se um convenio sobre orçamento, e isto já se fez alli e com pasmo geral.

Temos, portanto, razão de sobra no reparo que fazemos do descuido, que tem havido no senado, relativamente á proposição d'esta camara sobre registro civil, reparo que ainda se eleva mais ante a consideração

de que o regulamento a que me tenho referido foi expedido pelo distincto Sr. conselheiro João Alfredo.

O sr. Frederico Rego:—E se o senado recusar a medida, a responsabilidade será d'elle.

O sr. Saldanha Marinho:—Concluo portanto este ponto da minha interpegação pedindo ao sr. Ministro do Imperio se digne informar-nos da razão de tão reparavel retardamento no senado de medida tão provadamente necessaria e urgente.

Vem do governo a procrastinação? S. Ex.ª nos responderá.

Sr. presidente, são quasi 4 horas, e eu tenho de tratar de materias importantes.

O sr. Freitas Coutinho:—Nós estamos ouvindo com todo o prazer.

O sr. Saldanha Marinho:—V. Ex.ª sabe que não concorri para ter a palavra quasi ás 2 e meia horas; quando a interpegação estava marcada para 1 hora da tarde. Faltam poucos minutos, para a hora do encerramento dos trabalhos e por isso, ainda de maior benevolencia da camara necessario, para, indo além da hora, satisfazer o encargo que tomei.

Alguns srs. deputados:—Ainda não deu a hora.

(O sr. presidente diz algumas palavras que não ouvimos pelo sussurro que reinava no salão.)

O sr. Saldanha Marinho:—Conto pois com a bondade de meus illustres collegas, e vou entrar na materia do 7.º ponto da interpegação. Peço á camara a maior attenção e ao meu nobre amigo ministro do Imperio desculpa se em uma ou outra palavra comprehender censura a seu acto. Sabe quanta cordialidade lhe voto, e deve estar convencido de que não pôde haver nem má vontade, e nem desejo de molestal-o. Cumpro o meu dever, e...

« cada um a sua responsabilidade ».

O 7.º ponto é este:

ANNUNCIOS

26?

Entrando por uma porta e pela outra a saber, Dos freguezes a fileira, Ao Eduardo Ferreira, Comprando Porto e Madeira, Não deixa mãos a medir!

Se a coisa assim continua, É bem certo que vereis, Que o povo correndo em massa, Por sob os arcos da Praça, A comprar do fino passa, Na adêga do 26!

26?

AS GUERRAS DE NAPOLEÃO 1.º

ERCKMANN-CHATRIAN

Obra Premiada Pela Academia Franceza—Um Fasciculo Semanal de 4 folhas de 8 paginas e duas gravuras 50 réis—Assigna-se no escriptorio da Empresa de Romances Illustrados rua da Fabrica, 66—Porto, e em todas as livrarias e Kiosques.

Acceitam-se correspondentes nas diversas terras do reino.

LEILÃO

No dia 19 do corrente, pelas 10 da manhã, na rua direita d'esta cidade e loja n.º 72, 74, 76, 78, proceder-se-ha á venda em leilão de toda a ferramenta pertencente ao fallecido carpinteiro Augusto Barboza.

NO PRELO

O CORPO HUMANO

Edição Illustrada Esta obra, illustrada com 44 GRAVURAS elucidativas do texto, precedida d'uma gravura colorida representando a circulação do sangue (pulmões, arterias e veias) e impressa em MAGNIFICO PAPEL, formará um grosso volume in-8.º de 400 paginas, pouco mais ou menos.

Afim de facilitarmos a aquisição d'esta excellente publicação, resolvemos dividil-a em 5 FASCICULOS, custando cada um 200 réis.

O prospecto é remetido a quem o pedir a ERNESTO CHARDRON, EDITOR PORTO

ATENÇÃO

João Antonio da Graça, acaba de receber um grande sortido de balões venezianos, assim como uma grande colleção de bandeiras, as quaes aluga por preços muito commodos.

O mesmo annunciante se encarrega da collocação de illuminação nos arraiaes, assim como adornamentos de ruas.

Aveiro, Rua de José Estevão n.º 24.

Cabelleireiro

PRAÇA DA FRUCTA AVEIRO

Antonio de Lemos Junior, com estabelecimento de cabelleireiro na Praça da Fructa, participa ao publico aveirense, que acaba de receber uma porção de bixas francezas da primeira qualidade. Tambem se encontra no mesmo estabelecimento um preparado especial para lavar a cabeça.

Atenção

José Nunes da Maia, morador na rua do Sol, d'esta cidade, tem para vender uma porção de Madeira Ce-rejeira.

Quem a pretender comprar pode dirigir-se ao annunciante.

NO PRELO

Musa Velha

POR

FRANSISCO PALHA

Um volume em papel chamois e typo elzeviriano.

PORTO

ERNESTO CHARDRON, EDITOR

ATENÇÃO

Angelo da Roza Lima, tem no seu estabelecimento da Rua dos Mercado-res um magnifico guarda-louça do mogno, e uma meza elastica oval, que tem no seu maximo comprimento de-senove palmos. Vae pôr á venda as cadeiras americanas e de volta, que ahí se vendem a 850, a 750; e as de outros systemas—beira d'alguidar e de caxilho,—que se vendiam a 700 réis, a 600 réis.

SCINTILLAÇÕES

E

SOMBRAS

POR

Ernesto Pires

ACHA-SE Á VENDA EM AVEIRO

NA LIVRARIA

DE

Mello Guimarães

BAIXA DE PREÇO

Sabão amarello gordo de boa qualidade a 1:600 réis por cada arropa antiga (14,688) e a retalho a 120 réis o kilo, vende se na loja de Fernandes Melicio na rua Direita em Aveiro.

E vinho do Porto desde 180 a 500 réis a garrafa.

Malvasia superior a 300 réis e Mascatel a 400 réis, assim como ao copo a 20 e 30 réis.

Noites Romanticas

F. N. COLLARES

18—LISBOA, RUA DA ATALAYA—18

O Rei do Crime

LURO VELÓCE & C.ª

Grande Romance de costumes contemporaneos, cuja acção principal se passa em Portugal e Brazil por C. BONHEUR

illustrado com magnificas gravuras de-zenhos francezes.

50 rs. cada semana 5 folhas ou 4 e uma estampa em todo o paiz.

Brindes aos srs. angariadores de 6 até 40 assignaturas.

BRINDE Á SORTE

UMA INSCRIPÇÃO DE 100\$000

!NOVIDADE!

Ourivesaria Manu-factora

14—RUA DAS BARGAS—16

AVEIRO

José Eduardo Mourão

SINGER!

A MAIS IMPORTANTE COMPANHIA

DO MUNDO!

GRANDE NOVIDADE

A COMPANHIA FABRIL

SINGER

apresenta ao publico um magnifico sortido das suas excellentes e mais modernas

PRIVILEGIO EM PORTUGAL POR 20 ANOS



GARANTIA POSITIVA E ILLIMITADA

DE

LANÇADEIRA

OSCILLANTE

E' esta a revolução mais completa que tem havido nas machinas de costura; trabalho facil e perfeito.

O pesponto o mais elastico e o mais perfeito.

Para se convencerem da verdade vinde ás casas abaixo indicadas onde se darão todos os esclarecimentos.

ENSINO GRATIS! CONCERTO GRATIS!

500 reis semenaes, e 10 por cento a dinheiro.

CUIDADO COM AS IMITAÇÕES

COMPANHIA FABRIL SINGER

75, Rua de José Estevão, 79 Pegado ao Edificio da caixa Economica

AVEIRO

52, Largo da Praça, 53

OVAR

N. B. Em Espinho vende-se tambem na casa de Carlos Evaristo Felix da Costa.

Vinho de Bucellas

No Restaurante do THEATRO AVEIRENSE, que se acha aberto todos os dias, das 3 horas da tarde até á meia noute, encontram-se á venda, alem de outras bebidas excellentes vinhos do Porto, e de Bucellas, sendo estes antigos, e pertencentes á Quinta da Romeira, propriedade que foi do fallecido sr. Marquez de Castello Melhor.

Tem tambem á venda tabacos das principaes fabricas, doce e outros artigos. Preços Comodos.

NO PRELO

OS RATOS

DA

INQUISIÇÃO

POEMA INEDITO

DO JUDEU PORTUGUEZ

ANTONIO SERRÃO DE CASTRO

PREFACIADO

POR CAMILLO CASTELLO BRANCO PORTO

ERNESTO CHARDRON—EDITOR

Um volume em papel chamois e typo elzeviriano.

O BOUQUET

Album Artistico-Litterario Bi-Mensal

ESPECIALMENTE DEDICADO ÁS SENHORAS

EMPRESA

DE

ALBERTO BESSA

ALVARIM PIMENTA

DIRECTOR

GERENTE

PREÇOS D'ASSIGNATURAS

(PAGAMENTO ADIANTADO)

PORTO	PROVINCIAS	BRAZIL
Anno..... 1\$000	Anno..... 1\$200	Anno..... 3\$000
Semestre..... 550	Semestre..... 650	Semestre..... 1\$800

Sae brevemente o primeiro numero. Recebem-se assignaturas no escriptorio da empresa na rua de Santo Ildefonso n.º 394—Porto, e nas principaes livrarias do paiz.

OFFICINA DE SERRALHARIA

DE

JOÃO AUGUSTO DE SOUZA

4---Largo da Apresentação---6

EM

AVEIRO

N'esta officina fazem-se portões, grades, lavatorios, fogões, e camas de preço de reis 8\$000 a 1\$400.

DOMINGOS LUIZ VALENTE D'ALMEIDA

COM

OFFICINA DE SERRALHARIA

EM



FORNECE lojas de ferragens, dobradiças, fechos, fechaduras de todos os systemas, parafusos de toda a qualidade; ferragens estrangeiras, camas de ferro de armar sem parafuzo do preço de 1\$900 a 9\$000, fogões chumbo em barra, prego d'arame, bico de cobre, de ferro, balmazes de latão, carda ingleza, panellas de ferro, balanças decimaes, e tudo pertencente

Preços sem competencia.

Fabrica de Bolacha e Biscoutos

AUGUSTO DA SILVA TEIXEIRA CONVENTO DA ESTRELLA COIMBRA

BOLACHA	Kilo	BISCOUTOS	Kilo
D. Luiz.....	220 rs.	Limão 1.ª.....	220 rs.
Franceza 1.ª.....	230 »	» 2.ª.....	210 »
» 2.ª.....	210 »	Canela 1.ª.....	220 »
Agua e Sal 1.ª.....	240 »	» 2.ª.....	190 »
» 2.ª.....	230 »	Lacinhos.....	250 »
Leve.....	210 »	Suissos.....	400 »
Torrada.....	240 »	Belgas.....	320 »
Requife 1.ª.....	360 »	Paciencias e Marialvas	400 »
» 2.ª.....	260 »	Linguas de gato.....	400 »
» 3.ª.....	220 »	Palitos amendoa 1.ª.....	360 »
Erva doce.....	170 »	» 2.ª.....	320 »
Amores.....	360 »	Canella.....	220 »
Pão de Ló.....		Limão.....	240 »
» em fatia torrado		Deliciosos.....	320 »
Pemzinhos.....	360 »	Estrellas.....	400 »
Primores.....	400 »	Corças a Camões.....	320 »
Bolo inglez, duzia.....	200 »	Marquinhas.....	320 »
		Pauperes e Bisc. Porto	220 »

N. B.—Os preços acima mencionados não tem desconto.

COMPANHIA DAS

Messageries Maritimes



A Empresa protectora, por contracto com a dita companhia offerege passagem nos magnificos paquetes francezes a sahirem de Lisboa: CONGO em 8 de agosto, Pernambuco, Bahia Rio de Janeiro, Montevideo e Buenos Ayres. — NIGGER em 22 de agosto directamente ao Rio de Janeiro, Montevideo e Buono Ayres. A mesa de 1.ª classe é commum para os sr.º passageiros de 2.ª. Tracta-se em AVEIRO, Agencia Central, com PAULO DE SOUSA PEREIRA 48 —RUA DE JOSÉ ESTEVÃO—50